

# LETRAMENTO CRÍTICO E ENSINO DE INGLÊS EM ESCOLAS PÚBLICAS: RELATO SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Marco Túlio de Urzêda Freitas<sup>1</sup> (UFG)  
Leonardo Borges Mendonça<sup>2</sup> (SEDUC-GO)

Relato de Experiência, GT Diálogos Abertos sobre a Educação Básica

**RESUMO:** Neste trabalho, compartilhamos algumas reflexões sobre o trabalho desenvolvido no Curso de Formação Continuada de Professoras/es de Inglês como Língua Estrangeira/Adicional de Goiás, tendo como foco as atividades realizadas no módulo *Critical English Learning*. O objetivo geral desse módulo foi estabelecer momentos de reflexão sobre a perspectiva crítica de ensino de inglês como língua estrangeira/adicional, tomando por base as experiências pessoais e profissionais das/os professoras/es-participantes e os princípios teóricos da linguística aplicada crítica. O trabalho se justifica pela necessidade de interseccionar os conhecimentos acadêmicos e as realidades vivenciadas nas escolas, sobretudo no que diz respeito ao ensino de línguas estrangeiras/adicionais. Justifica-se, ainda, pela necessidade de fazer chegar às escolas públicas a proposta de letramento crítico, que, além de possibilitar a ressignificação do trabalho docente, abre espaço para a rearticulação de significados que produzem desigualdade e dependência no mundo social. Nesse sentido, os nossos objetivos são: 1) Apresentar as percepções de um professor-participante e do professor-formador sobre o trabalho desenvolvido no módulo *Critical English Learning*; e 2) Apresentar as possíveis implicações dessa experiência de formação no ensino de inglês como língua estrangeira/adicional em escolas públicas de Goiás. As percepções compartilhadas pelo professor-participante e pelo professor-formador nos possibilitam inferir que a proposta de letramento crítico tem muito a contribuir tanto para o ensino de inglês como língua estrangeira/adicional em escolas públicas quanto para a formação continuada das/os professoras/es que atuam nesses contextos. Em ambos os casos, podemos observar que tal proposta abre espaço para que discentes e docentes utilizem a língua-alvo não apenas para se comunicar, mas também para refletir e agir sobre o mundo em que estão inseridas/os.

*A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos [seres humanos]. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos [seres humanos] sobre o mundo para transformá-lo.*

(Paulo Freire)

## APRESENTAÇÃO

De modo geral, as críticas feitas aos cursos de formação inicial e continuada de professoras/es de línguas estrangeiras/adicionais (doravante LE/LA) no Brasil tendem a revelar o abismo que separa os conhecimentos acadêmicos e as realidades vivenciadas nas escolas, especialmente nas escolas da rede pública. Essa crítica se torna ainda mais

---

<sup>1</sup>Contato: <[marcotulioufcultura@gmail.com](mailto:marcotulioufcultura@gmail.com)>.

<sup>2</sup>Contato: <[leonardo.lbm@hotmail.com](mailto:leonardo.lbm@hotmail.com)>.

contundente quando se coloca em pauta o trabalho com perspectivas pedagógicas críticas no ensino de LE/LA, perspectivas que visam relacionar o processo de educação linguística a questões sociais e políticas mais amplas (FREIRE, 2005 [1970]; HOOKS, 1994; PENNYCOOK, 1999; PESSOA; URZÊDA-FREITAS, 2012).

Assim sendo, pretendemos, neste trabalho, compartilhar algumas reflexões sobre o trabalho desenvolvido no Curso de Formação Continuada de Professoras/es de Inglês como Língua Estrangeira/Adicional de Goiás, tendo como foco as atividades realizadas no módulo *Critical English Learning*. O objetivo geral desse módulo foi estabelecer momentos de reflexão sobre a perspectiva crítica de ensino de inglês como LE/LA, tomando por base as experiências pessoais e profissionais das/os professoras/es-participantes e os princípios teóricos da linguística aplicada crítica (PENNYCOOK, 2001; DAMIANOVIC, 2005; URZÊDA-FREITAS; PESSOA, 2012).

## **JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS**

Este trabalho se justifica pela necessidade de interseccionar os conhecimentos acadêmicos e as realidades vivenciadas nas escolas, sobretudo no que diz respeito ao ensino de LE/LA. Justifica-se, ainda, pela necessidade de fazer chegar às escolas públicas a proposta de letramento crítico, que, além de possibilitar a ressignificação do trabalho docente, abre espaço para a rearticulação de significados que produzem desigualdade e dependência no mundo social.

Nesse sentido, os nossos objetivos aqui são:

- Apresentar as percepções de um professor-participante e do professor-formador sobre o trabalho desenvolvido no módulo *Critical English Learning*;
- Apresentar as possíveis implicações dessa experiência de formação no ensino de inglês como LE/LA em escolas públicas de Goiás.

## **DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA**

As atividades do módulo *Critical English Learning*, realizadas no decorrer de oito encontros, buscaram: 1) problematizar o conceito de *crítica* em educação; e 2) encontrar alternativas para a implementação da proposta de *letramento crítico* no ensino de inglês como LE/LA em escolas públicas de Goiás. Dentre essas atividades, destacam-se as seguintes:

- Reflexão e atividade prático-colaborativa sobre a palestra *The Danger of the Single Story*, de Chimamanda Ngozi Adichie;
- Leitura e reflexão colaborativa sobre o texto *Engaged Pedagogy*, de bell hooks;
- Atividade prático-colaborativa sobre o filme *Freedom Writers*, de Richard LaGravenese, e sobre o vídeo *A Escola Gerando Traumas*;
- Leitura e reflexão colaborativa sobre trechos do artigo *Toward a Critical Approach for Applied Linguistics in the 1990s*, de Alastair Pennycook.

Após a realização dessas atividades, o professor-formador ministrou uma aula crítica sobre o tema *Cabelo, Raça e Racismo*, de modo que as/os professoras/es-participantes pudessem observar como a proposta de letramento crítico pode ser implementada no ensino de inglês como LE/LA. Nessa aula, foram utilizados o texto *Straightening Our Hair*, de bell hooks, e o vídeo *Transição*. Em seguida, as/os professoras/es-participantes foram convidadas/os a planejar duas aulas críticas de 50 minutos sobre o mesmo tema, partindo dos materiais utilizados pelo professor-formador e levando em consideração as particularidades de seus respectivos contextos. A ideia era que elas/es avaliassem e adaptassem os materiais utilizados de acordo com a realidade de suas escolas.

## **PERCEPÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA**

### *Percepções do professor-participante*

Esta experiência, em primeiro lugar, promoveu uma quebra na rotina dos/as estudantes, ao apresentar-se como uma aula instigante e problematizadora, isto é, com um conteúdo relevante e que mobilizou sua atenção imediata. Conseqüentemente, eles/as se envolveram nas discussões e se dedicaram com maior empenho às atividades propostas. Além disso, percebo que foram ampliadas as oportunidades de participação e colaboração entre os/as estudantes, e que os/as mesmos/as se sentiram à vontade para dar suas contribuições, relacionando o tema *Cabelo, Raça e Racismo* às suas histórias de vida e atuação no contexto social. Convém, no entanto, lembrar que aulas baseadas na perspectiva crítica não se caracterizam por uma mera aplicação de fórmulas ou receitas, devendo, portanto, ser submetidas à constante reflexão. Desse modo, elas possibilitam, ainda, ao/à professor/a, maior exercício de sua autonomia e intervenção sobre os materiais, que podem ser adaptados a

diferentes contextos e faixas etárias. Por fim, reconheço nessa forma de atuar mudanças significativas na preparação e condução da aula, que raramente se esgota ou se extingue na alteração de foco, isto é, torna-se alvo constante de retomadas e reavaliações. É um tipo de aula que nos surpreende sempre, uma vez que abre possibilidades para uma série de intervenções e questionamentos por parte dos alunos, o que deve ser encarado como desafio, porque nos retira da zona de conforto e nos põe em curso, seja no sentido de rever o que trazemos como bagagem da universidade, seja no que se refere ao letramento crítico dos/as próprios/as docentes.

### *Percepções do professor-formador*

As atividades realizadas ao longo do módulo *Critical English Learning* me permitiram observar que as reflexões teóricas de autores/as como Paulo Freire, bell hooks, Alastair Pennycook etc., ao contrário do que alguns/algumas professores/es e pesquisadores/as alegam, fazem muito sentido no contexto da educação pública em Goiás, e, sobretudo, no processo de formação continuada de docentes que atuam nesse contexto. Definitivamente, essas não são “teorias” feitas para a universidade ou para circular apenas dentro do espaço acadêmico. A título de exemplo, no último encontro do módulo, momento em que as/os professoras/es-participantes apresentaram as suas aulas críticas sobre o tema *Cabelo, Raça e Racismo*, duas professoras se manifestaram dizendo que, depois das nossas discussões, elas começaram a observar como a dinâmica racial opera em suas escolas, inclusive no que diz respeito à questão do cabelo. Elas ficaram surpresas ao se darem conta de que a maioria de suas/seus alunas/os é negra e que, entre essas/es alunas/os, a maioria ou tem o cabelo raspado (os meninos/rapazes) ou mantém – artificialmente – os cabelos lisos (as meninas/moças). Por que isso acontece? Que ideologias estão por trás dessa realidade? Como essa realidade se relaciona com questões mais amplas de poder, acesso e desigualdade? Como é possível problematizar essa realidade em aulas de inglês como LE/LA, de modo a vislumbrar possibilidades de mudança social no futuro? Esses foram alguns dos questionamentos implícitos nas apresentações, reflexões, angústias e problematizações compartilhadas pelas/os professoras/es-participantes.

## REPERCUSSÃO DA EXPERIÊNCIA NO ENSINO PÚBLICO

As percepções compartilhadas pelo professor-participante e pelo professor-formador sobre as atividades realizadas no módulo *Critical English Learning* nos possibilitam inferir que a proposta de letramento crítico tem muito a contribuir tanto para o ensino de inglês como LE/LA em escolas públicas quanto para a formação continuada das/os professoras/es que atuam nesses contextos. Em ambos os casos, podemos observar que tal proposta abre espaço para que discentes e docentes utilizem a língua-alvo não apenas para se comunicar, mas também para refletir e agir sobre o mundo em que estão inseridas/os. Trata-se de compreender que o estudo da língua não se restringe aos seus aspectos estruturais, englobando, por conseguinte, a história das pessoas que a utilizam e os discursos que circulam nos contextos em que ela é ensinada. Por essa razão, reconhecemos na proposta de letramento crítico um importante potencial formativo, em termos de reflexão e constituição das identidades dos indivíduos que, através das interações e práticas discursivas escolares, influenciam-se mutuamente.

## REFERÊNCIAS

- DAMIANOVIC, M. C. O lingüista aplicado: de um aplicador de saberes a um ativista político. *Linguagem & Ensino*, v. 8, n. 2. p. 181-196, 2005.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005 [1970].
- HOOKS, b. Engaged pedagogy. In: HOOKS, b. *Teaching critical thinking: practical wisdom*. New York: Routledge, 2010. p. 19-22.
- PENNYCOOK. A. Towards a critical applied linguistics for the 1990s. *Issues in Applied Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 8-28, 1990.
- PENNYCOOK, A. Introduction: critical approaches to TESOL. *TESOL Quarterly*, v. 33, n. 3, p. 329-348, 1999.
- PENNYCOOK. A. *Critical Applied Linguistics: a critical introduction*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.
- PESSOA, R. R.; URZÊDA-FREITAS, M. T. Challenges in critical English teaching. *TESOL Quarterly*, v. 46, p. 753-776, 2012.
- URZÊDA-FREITAS, M. T.; PESSOA, R. R. Rupturas e continuidades na Linguística Aplicada Crítica: uma abordagem historiográfica. *Calidoscópico*, v. 10, n. 2, p. 225-238, 2012.